

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ- SETOR LITORAL**

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA SALA DE AULA: UMA PROPOSTA DE  
SEQUÊNCIA DIDÁTICA**

**MATINHOS**

**2014**

**ELINE VÂNIA SCHNEMANN**

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA SALA DE AULA: UMA PROPOSTA DE  
SEQUÊNCIA DIDÁTICA**

Artigo apresentado como requisito parcial para obtenção da certificação do curso de Especialização em Educação do Campo, Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. MS. André Esssenfelder  
Borges

**MATINHOS**

**2014**

## SUMÁRIO

1. Introdução.....	4
2. Variação Linguística.....	5
3 . Sequência didática.....	8
8. Proposta De Ensino: Variação Linguística.....	9
5. Planejamento-Sequência Didática.....	9
6. Diário de Registro.....	10
7. CONCLUSÃO .....	12
REFERÊNCIAS.....	13

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA SALA DE AULA:** uma proposta de sequência didática no Campo

**Eline Vânia Schnemann<sup>1</sup>**

**RESUMO**

Este trabalho fala sobre a criação de uma sequência didática nas escolas do campo sobre o tema da variação linguística, analisando a relação entre as variedades da língua contrapostas com a língua padrão. Nesse sentido, demonstra conceitos e definições sobre a variação linguística, preconceito linguístico, analisa o retrato das variações linguísticas no Brasil e apresenta possíveis sequências de atividades que, se aplicadas em sala de aula, contribuiriam para a aceitação da existência destas variações, valorização do falar do campo.

**Palavras chave:** Variação linguística; Sequência didática; Educação do campo.

---

<sup>1</sup> Graduação em Letras Português/ Inglês, Especialização em Educação do Campo pela Universidade Federal do Paraná- Litoral, Matinhos, Paraná, Brasil. E-mail do autor: [elinevania@yahoo.com.br](mailto:elinevania@yahoo.com.br), Orientador: André Esssenfelder Borges.

## 1. INTRODUÇÃO

A variação linguística tem sido estudada amplamente ao longo dos últimos anos, principalmente na área de linguística, entretanto, há ainda muito a se pesquisar e divulgar especialmente no âmbito das escolas do campo. As observações tomadas pela sociedade e por pesquisadores e educadores, levando em conta certas construções da linguagem como erros precisam ser estudadas de forma a redefinir novos exemplos de conduta na esfera educacional.

Destas construções, nasce a ideia de erro na figura de preconceito linguístico que no caso das pessoas oriundas das comunidades rurais de todo o Brasil, carregam em si um tom jocoso como se o trabalhador rural tivesse menor capacidade intelectual em relação aos trabalhadores/moradores da cidade. Contudo, o que pode ser classificado como erro? Para que possamos desmitificar esse questionamento é necessário confrontá-lo e, como mostra a Sociolinguística, é preciso estudar as suas diferenças, mostrá-las adequadamente e constatar que elas precisam ser levadas em consideração.

A escola não pode tomar a atitude linguística de que vale tudo, de que não existe o certo e o errado, porque tudo comunica [...]. A língua é falada por pessoas e as pessoas usam e abusam da língua, inclusive para justificar seus preconceitos. Portanto, a escola tem que fazer do ensino de português uma forma de o aluno compreender melhor a sociedade em que vivemos, o que ela espera de cada um linguisticamente e o que podemos fazer usando essa ou aquela variedade do português. (CAGLIARI, 1990, p. 48)

Deste modo, observamos que a utilização e a propagação de uma variedade linguística de maior prestígio constituem um procedimento que transforma fortemente todos os educandos que por ele passam. Contudo, as pessoas e, neste caso mais específico, os educandos das escolas do campo, que não conseguem passar com êxito por este processo são identificados como os “diferentes”. Mas, a sociedade de forma geral “esquece” que essa diferença é o produto da baixa qualidade de ensino oferecida aos educandos, da escola pública e também as do campo.

Os educandos necessitam estar atentos para a diversidade e para as mudanças que acontecem na língua, sobretudo, ao que diz respeito às leituras, interpretações, análises e produções escritas, visando a variedade de textos pertencentes a diferentes gêneros textuais e discursivos que são abordados em sala de aula.

## **2. VARIAÇÃO LINGUÍSTICA**

Os educandos das escolas do campo, quando chegam à escola, diferentemente daqueles educandos de línguas, já falam a língua materna. Levando em consideração este saber e, de acordo com as pesquisas linguísticas e documentos oficiais utilizados como parâmetros<sup>2</sup>, o ensino da língua portuguesa deve primordialmente desenvolver a competência comunicativa considerando o uso de formas orais em situações diversas das cotidianas, processos argumentativos e de raciocínio crítico; análise das interações verbais, produções discursivas, e atividades de cognição e reflexão sobre a língua e suas aplicações.

Para que isso ocorra o professor precisa de formação teórico-metodológica adequada sobre o funcionamento da língua, a fim de incorporar a análise linguística a suas aulas e possibilitar, ao educando do campo, a reflexão sobre usos da língua que vão além da gramática normativa. Dessa formação deve fazer parte a valorização do falar dos educandos do campo e os conhecimentos sobre variação linguística nas produções orais e, sobretudo, nas escritas, que abranjam os gêneros textuais, dos mais comuns e simples aos mais complexos, variando desde um simples bilhete a um artigo científico por exemplo.

De acordo com Bortoni-Ricardo (2005) a escola é voltada para ensinar a língua da cultura predominante, pois o que diverge dela é considerado incorreto e que precisa ser suprimido. Ainda segundo o autor é por causa disso que a escola não pode e não deve ignorar as diferenças. Assim, os educandos que

---

<sup>2</sup> Brasil. **Parâmetros Curriculares de Língua Portuguesa**: ensino médio. Parte II: Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 1999.

chegam à escola falando “nóis viemu”, por exemplo, necessitam ser respeitados e suas particularidades tanto linguísticas quanto culturais devem ser valorizadas. Ainda segundo Bagno (1999):

A escola geralmente não reconhece a verdadeira diversidade do português falado no Brasil, impondo assim, sua lingüística como se ela fosse, de fato, a língua comum a todos 190 milhões de brasileiros, independentemente de sua idade, de sua origem geográfica, de sua situação socioeconômica, de grau de escolarização. (BAGNO, 1999, p. 15).

Entretanto os educandos do campo devem ter o direito de aprender as variantes cultas, não pode ser negado a esses o conhecimento, sob pena de se aprofundar um abismo social já extremamente grande, dificultando e até eliminando a possibilidade de crescimento e ascensão social dos mesmos.

Sendo assim, é necessário que o aluno das escolas do campo saibam que a língua tem uma composição histórica, e que ela é viva e está em permanente transformação, e muda conforme a idade do falante, o sexo, a etnia, a formação, comunidade e o ambiente (rural ou urbano) aonde está inserida, a profissão, o contexto social e com a modalidade empregada, seja pela oralidade ou pela escrita. Conforme nos fala Signorini (2002, p. 76-77):

A língua se relaciona com a sociedade porque é a expressão das necessidades humanas de se congregarem socialmente, de construir e desenvolver o mundo. A língua não é somente a expressão da alma, ou do íntimo, ou do que quer que seja do indivíduo; é acima de tudo, a maneira pela qual a sociedade se expressa como se fosse a sua boca.

De acordo com Votre (2008) é preciso passar a escola a responsabilidade de ser parte fundamental para o processo socializador que o uso da língua nacional culta precisa, contudo, não de maneira isolada.

Ainda segundo Votre (2008), a escola pode preencher os espaços entre a língua oficial e a falada nas ruas, sendo os professores grandes atores nesse processo, explicando e mostrando as diferenças existentes na língua e demonstrando a relevância de se saber o padrão culto utilizado em nosso país. Ainda sobre esse assunto, Bagno (2002, p. 32), afirma que:

[...] parece ser mais interessante (por ser mais democrático) estimular, nas aulas de Língua, um conhecimento cada vez maior e melhor de *todas as variedades sociolinguísticas*, para que o espaço da sala de aula deixe de ser o local para o espaço exclusivo das variedades de maior prestígio social e se transforme num laboratório vivo de pesquisa do idioma em sua multiplicidade de formas e usos. (BAGNO, 2002, p. 32)

O professor deve adaptar-se a realidade do ambiente rural, procurando na medida do possível ilustrar suas aulas com conteúdos da cultura local, com o uso de expressões da cultura, com exemplos de produtos produzidos pela comunidade agrícola. Dessa forma, não se trata apenas de se substituir uma variedade pela outra, mas, de verificar as outras modalidades significativas e, desse modo, conseguir reduzir a discriminação oriunda da ideia de que a variedade culta é a única, certa. A noção de erro, por exemplo, na visão normativo-tradicional é vista como uma falta de coerência com a norma culta, entretanto, nos estudos sociolinguísticos ele é analisado como uma construção imprópria à situação.

Com relação a esse assunto Bortoni-Ricardo (2004) nos fala que o educador confunde erro de ortografia com erro de português; em alguns casos, o educador e as escolas censuram e reprovam o educando, embora o erro de ortografia não seja erro de português. Como ressalta Possenti (1997, p. 30):

[...] os erros que condenamos só são erros se o critério de avaliação for externo à língua ou ao dialeto, ou seja, se o critério for social. Mas, se adotássemos esse critério para todos os casos, deveríamos também concluir que são erros todos os modos diferentes de falar, mesmo os que são típicos de outras línguas. . (POSSENTI, 1997, p. 30)

Bortoni-Ricardo (2004) nos traz ainda um amplo debate acerca das noções de “erros” dos educandos. É importante ressaltar que o autor não aborda o erro como uma questão de “certo” ou “errado”, mas sim de “adequação” e/ou “inadequação”, atitude que educando e educador podem adotar em sala de aula.

### 3. SEQUÊNCIA DIDÁTICA

As escolas do campo possuem características particulares, em relação às do meio urbano, sendo assim a elaboração de uma sequência didática que leve em consideração as variações linguísticas próprias do meio rural pode transformar a linguagem trabalhada em sala mais “amigável” ao estudante, e se tornar um fator motivacional relevante no desenvolvimento educacional desses educandos.

O educador como sabemos, não pode e nem deve interferir no aprendizado do educando de maneira casual e impensada, não pode chegar na sala de aula e simplesmente abrir o livro em uma página qualquer e apresentar aos educandos, ele deve de antemão preparar-se para a aula. Sendo assim é necessária a utilização de Sequências Didáticas próprias para as escolas do campo, esses processos são pensados e formulados em etapas, que vão abordar de forma detalhada o que se deseja e pretende ensinar.

Essas atividades são ponderadas e estão ligadas entre si, pensadas para ensinar o conteúdo pretendido, passo a passo, conforme com os objetivos estipulados pelo educador os quais ele deseja alcançar para a aprendizagem dos seus educandos, e abrangendo sempre que possível atividades de aprendizagem e também de avaliação.

Conforme Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 97), a sequência “[...] é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”. Suas características principais são: o trabalho com os gêneros de textos com o objetivo de auxiliar o aluno a dominar melhor o gênero em questão, desenvolvendo sua capacidade de escrever ou falar de forma mais adequada, de acordo com a situação, levando-o a práticas de linguagem novas ou dificilmente domináveis.

As sequências didáticas são um meio de programar as ações de modo racional, conectando as diferentes atividades que serão realizadas durante uma unidade didática. Logo após, poderemos constatar os diferentes meios de intervenção logo que as atividades vão se efetivando e, principalmente, pelo sentido que tomam para uma sequência voltada à realização dos objetivos educacionais.

O trabalho deve se iniciar com a leitura, proporcionando ao educando do campo o contato com diversos gêneros textuais, passando pela escrita, através de atividades de produção textual inseridas em contextos reais da população do campo de interação e alcançando seu ápice com o estudo gramatical. Esta atividade só poderá ser implementada com sucesso por educandos que possuam boa capacidade de leitura e de escrita.

#### **4. PROPOSTA DE ENSINO: VARIAÇÃO LINGUÍSTICA**

Buscaremos elaborar uma proposta de ensino através da formulação sequência didática que envolva o gênero como meio para trabalhar variação linguística em sala de aula; o gênero escolhido foi: “letras de músicas sertanejas de raiz”; e os enfoques de variação pretendidas são o modo de falar do homem do campo e a ortografia.

#### **5. PLANEJAMENTO – SEQUÊNCIA DIDÁTICA**

Serie: 9º ano

Conteúdo: Variação Linguística: gênero música, modo de falar típico do homem do campo, língua falada e língua escrita e suas características;

Objetivos:

- Pensar a língua e suas variações;
- Compreender a língua e sua diversidade;
- Identificar contextos e adequações;
- Verificar as diferenças entre a língua falada e a escrita

Recursos materiais utilizados: Rádio, lousa, giz, folhas de papel, lápis, borracha.

Sequência Didática:

### 1º Momento

- Realizar uma pesquisa sobre o assunto para ver quantos deles (educandos) possuem contato com o estilo sertanejo de raiz.

Após isso, introduzir com as situações abaixo:

#### Situação 1

Colocar uma música para tocar no rádio, e pedir para os educandos escreverem o que ouvem.

#### Situação 2

Comparar o que eles escreveram com a letra escrita da música,

#### Situação 3

Pedir para eles tentarem escrever na forma culta a mesma letra. Logo após, vamos debater sobre as diferenças apontadas por eles nas três letras (a transcrita por eles, a letra impressa entregue pela professora e a que eles fizeram na forma culta)

#### Avaliação

A avaliação será realizada durante todas as fases da atividade.

## **6. DIÁRIO DE REGISTRO**

Na primeira aula a atividade aplicada foi realizada em uma escola do campo da cidade de Palmeira PR, com uma turma/classe do 9ºano, essa turma foi escolhida porque era a sala que lecionava em 2013 tinha somente ela, mas esse material foi elaborado para ser trabalhado em todas as outras turmas facilmente bem com fundamental e médio.

Foi passada para os educandos a música em áudio “Documento do Matuto - Luiz Gonzaga<sup>3</sup>”, neste momento já começou a oralidade dentro da sala de aula pois os alunos fizeram breves comentários bem como: “-professora essa música meu Avô chora quando ouve, pois ele lembra da minha Avó que já faleceu”, dentre outros comentários, na qual já consegui alcançar um objetivo a oralidade, também foi levado a música “Asa Branca de Luiz Gonzaga<sup>4</sup>” logo após, a repassamos pausando para que eles pudessem transcrever o que haviam entendido. Na etapa seguinte foi mostrada a eles a letra original para que pudessem realizar a comparação entre o que foi ouvido e a letra original.

Em um terceiro momento como atividade complementar às duas primeiras foi pedido aos educandos para reescreverem a mesma música na forma do português padrão. Com a realização da atividade iniciamos uma discussão em sala de aula sobre as diferenças existentes no modo de falar (oralidade) e a escrita. Depois de observar o que eles conheciam e, eles perceberem que muitas vezes utilizavam essa linguagem, falamos sobre os contextos, perguntei se eles poderiam utilizar este tipo de linguagem em uma prova, a maioria respondeu que não.

Embora, eu tenha conseguido realizar a atividade e satisfazer algumas expectativas, senti necessidade de realizar um replanejamento de algumas atividades, introduzindo mais exemplos, para a discussão posterior visando maior exploração das variações; e também alguns exercícios de fixação para os educandos analisarem.

Outro aspecto relevante para o bom andamento da aula foi sem sombra de dúvidas a realização do planejamento didático, pois com este foi possível materializar a atividade de maneira satisfatória, uma vez que com a sequência me senti confiante para administrar o conteúdo, repassando inclusive com maior qualidade para os educandos.

Recebi pais na escola, bilhetes e agradecimentos por trabalhar com algo tão gracioso que é a cultura dos alunos levar as aulas de língua portuguesa que muitas vezes é negada pelos educandos levando-os a sentirem excluídos, pois eles próprios falam: “- professora eu não sei nem falar como vou aprender

---

<sup>3</sup> Disponível em : < <http://letras.mus.br/tacyo-carvalho/asa-branca/> Acesso em: 04/11/2013

<sup>4</sup> Disponível em : < <http://letras.mus.br/tacyo-carvalho/asa-branca/> Acesso em: 04/11/2013

português”, e isso que é necessário dentro de uma sala de aula professores modificadores, que levem a cultura do aluno associando com suas aulas revelando ao aluno e o valorizando, depois dessas meus alunos começaram ver as minhas aulas de outro modo tornou-se proveitosa e com apoio total de meus alunos.

## **7. Conclusão**

Um trabalho, qualquer que seja ele, pode ser realizado de diversas maneiras, entretanto, para que este seja eficaz faz se necessário a utilização de uma sequência didática. Nós professores estamos sempre com um tempo muito reduzido para a realização de todas as atividades que gostaríamos, mesmo em nossas vidas particulares, dentro de sala de aula um tema tão relevante quanto a variação linguística é ainda hoje pouco explorado. A necessidade e a vontade de trabalhar com esse tema em sala de aula me fez pensar em uma maneira de trabalhar com os educandos do 9º ano de uma maneira lúdica e de fácil compreensão sobre o tema. Dessa forma, mostrou-se relevante a criação da sequência, pois me possibilitou ordenar as ideias para a apresentação em aula com antecedência, resultando em um maior aproveitamento do tema em sala de aula e uma valorização do modo de falar do homem e dos educandos do campo.

Conseguí desmitificar os Parâmetros da língua portuguesa não fugindo do que ela condiz, mas trabalhei a cultura uma riqueza local não fugindo de seu contexto, pois, foi apresentado a “norma culta” através dialeto do Campo, na qual muitos professores de língua portuguesa acham que é o modo errado, mas pelo contrário é o modo das nossas educandos do campo, criando uma ponte de ligação entre a “ Zona rural e a Zona urbana”

Conseguo hoje refletir no quão importe é o homem do campo e o quanto é rico e esperançoso trabalhar junto com a cultura e realidade do educando inserido na zona rural. Este trabalho aplicado dentro da sala foi muito mais do que um belo projeto escrito, pois foram os melhores momentos no qual passei dentro da sala de aula, senti a gratidão e o respeito dos educandos por trabalhar um assunto que faz parte de sua vida deles e que ficará registrado para sempre em minha memória.

## REFERÊNCIAS

BAGNO, M. **Preconceito lingüístico o que é como se faz.** São Paulo: Loyola, 1999.

\_\_\_\_\_. **Nada na língua é por acaso:** por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola, 2007.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Nós chegemu na escola, e agora?** - Sociolinguística & educação. São Paulo: Parábola, 2005.

Brasil. **Parâmetros Curriculares de Língua Portuguesa:** ensino médio. Parte II: Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 1999.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetização e linguística.** São Paulo: Scipione, 1990.

DOLZ, J.; NOVERRZ, M.; SCHNEUWLY, B. **Seqüências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento.** In: autor?. GÊNEROS orais e escritos na escola. Campinas: Mercado das Letras, 2004. p. 95-128.

POSSENTI, S. **Por que (não) ensinar gramática na escola.** Campinas: Mercado das Letras, 1997.

VOTRE, S. J. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L.(Orgs.). **Introdução à sociolinguística:** o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2008. p. 51-57.